AUGUSTA PEICK MOREIRA E A SUA REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES JAPONESAS NA DÉCADA DE 1920

AUSTA PEICK MOREIRA AND HER REPRESENTATION OF JAPANESE WOMEN IN THE 1920S

Fillipe dos Santos Portugal*
fillportugal7@gmail.com

Bruno Rodrigues Pimentel**
bruno_lpn@hotmail.com

RESUMO: Neste artigo, temos o objetivo de analisar a segunda parte do livro *Impressões de uma viagem ao Japão em 1928.* O livro resultou de uma compilação de memórias, conferências e impressões sobre a viagem empreendida ao Japão por Augusta Peick Moreira e seu marido, o médico Juliano Moreira. Refletiremos sobre o apagamento da autora e sobre a sua representação da mulher e a sua condição na sociedade japonesa, principal temática desenvolvida por ela na obra aludida. Neste sentido, alicerçamos nossa análise nos estudos de gênero e no conceito de representação fundamentais para compreendermos a construção da autora. Para alicerçar nossa análise, além da obra principal, recorreremos a fontes biográficas, documentos arquivísticos e relatos da época.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher japonesa; Augusta Peick Moreira; Estudos de Gênero.

ABSTRACT: In this article, we aim to analyze the second part of the book *Impressões de uma viagem ao Japão em 1928*. The book resulted from a compilation of memories, conferences and impressions about the trip undertaken to Japan by Augusta Peick Moreira and her husband, the doctor Juliano Moreira. We will reflect on the author's erasure and on her representation of women and their condition in Japanese society, the main theme developed by her in the aforementioned work. In this sense, we base our analysis on gender studies and on the concept of representation that are fundamental to understand the author's construction. To support our analysis, in addition to the main work, we will resort to bibliographic sources, archival documents and accounts of the time.

KEYWORDS: Japanese woman; Augusta Peick Moreira; Representation; Gender Studies.

Introdução

*Em 1928, o casal formado pelo médico negro, brasileiro Juliano Moreira (*1873–1933) e a enfermeira alemã Augusta Peick Moreira fizeram uma viagem ao Japão do qual resultou no livro *Impressões de uma Viagem ao Japão em 1928*. Os capítulos que compõem o livro resultam de palestras e memórias organizadas pelo casal a partir da viagem, que incluiu uma série de conferências em universidades japonesas e visitas oficiais a diversos locais do Japão, como escolas, hospitais, fazendas, entre outros.

* Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde - COC/Fiocruz.
** Doutor em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social do Território da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Recebido em 15 de agosto de 2025
Aprovado em 13 de dezembro de 2025

Este artigo tem como objetivo analisar exclusivamente os trechos do livro escritos por Augusta Peick Moreira, a partir de uma investigação centrada na questão de gênero, eixo que atravessa e estrutura sua narrativa.

Segundo Carla Pinsky (2009), a temática de gênero tem ganhado destaque nos últimos anos, embora sua consolidação como campo historiográfico ainda seja recente no Brasil. A autora destaca que considerar as diferentes construções sociais de gênero em nossas sociedades constitui um eixo fundamental para a elaboração de uma "história-problema". Esse enfoque ganhou força a partir da década de 1970, influenciado pelos questionamentos dos movimentos feministas no contexto da chamada "nova história", que passou a incorporar temas como família, sexualidade, representações, cotidiano e grupos excluídos, ao mesmo tempo em que criticava a "história geral", tradicionalmente centrada no homem branco europeu. Para a autora as relações sociais entre os sexos passaram a ocupar um papel tão central quanto categorias como classe e raça, tornando-se fundamentais nas teorias voltadas à compreensão das transformações sociais. A diferenciação entre homens e mulheres é uma constante nas sociedades, influenciando vivências, comportamentos e moldando expectativas sociais. (Pinsky, 2009, p. 159–162).

Essa perspectiva historiográfica nos permite refletir sobre dois aspectos em relação a Augusta Peick Moreira: (1) sua relevância histórica e (2) seu apagamento. Enquanto Juliano Moreira é amplamente reconhecido como um dos médicos mais conceituados do Brasil na primeira metade do século XX, há uma notável escassez de informações biográficas sobre sua esposa, que também era uma intelectual que produziu obras e pensamentos autônomos, e influentes no período.

Conforme Raquel Pinheiro dos Santos, nas biografias sobre Juliano Moreira, não se fala quase nada sobre a sua esposa, e, conforme constatamos, em geral, são escassas ou de difícil acesso as informações sobre a trajetória de Augusta Peick Moreira. A união do casal teria acontecido entre os anos de 1911 e 1913. Segundo Santos, "especula-se que tenham se encontrado em meados da primeira década do século XX, quando Moreira viajava em 'busca de novos ares' para tratar de uma doença" (Santos, 2014, p. 58).

Eles teriam se conhecido, segundo o Memorial Professor Juliano Moreira, no período em que Juliano Moreira esteve internado num sanatório na cidade do Cairo para tratamento médico. Augusta Peick era uma enfermeira, de Hamburgo, Alemanha. (Memorial, 2007, p. 20). Por meio do Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN) conseguimos acessar o

processo de naturalização de Augusta Peick e, a partir daí tivemos acesso a algumas informações como cidade de origem, filiação, ano que chegou ao Brasil e período que se ausentou do país. Não conseguimos a informação de quando ela faleceu, mas sabemos que nasceu no dia 19 de setembro de 1876.

Augusta Peick Moreira possuía uma produção intelectual, ainda que pouco reconhecida. Parte dessa produção foi destacada por Maria Amália de Faria, em uma palestra proferida na Associação Brasileira pelo Progresso Feminino (ABPF), em novembro de 1929. Na ocasião, Faria afirmou ter sido designada para realizar uma conferência cujo objetivo seria "deleitar o público":

> [...] pois que nos honra com a sua presença a distinta dama, Sra. Augusta Juliano Moreira. Honra-nos sobremaneira, pois que brasileira pelo casamento, sabemos que cultiva as letras e os estudos, colabora em vários jornaes europeos, estando no nível intellectual de seu ilustre esposo que nobilita a classe médica e enaltece a mentalidade dos scientistas brasileiros (Faria, 1929, p. 1).

O destaque dado a Augusta Moreira não ocorreu por acaso. Além de sua produção intelectual, a enfermeira participava ativamente de diversas sociedades e associações no Brasil, entre elas a Associação Brasileira pelo Progresso Feminino (ABPF), instituição onde a autora proferiu suas impressões sobre as mulheres japonesas.

Nesse contexto, propomo-nos a analisar os escritos de Augusta Peick Moreira presentes no livro *Impressões de uma Viagem ao Japão em 1928*. Diferentemente de seu esposo, ela direcionou seu olhar e sua narrativa às especificidades das mulheres japonesas, destacando, em diversos momentos, as diferenças nas concepções de masculino e feminino, bem como suas representações sobre o Ocidente e o Oriente.

Nesse sentido, é fundamental destacar a relevância do conceito de "representação" para o desenvolvimento deste artigo, uma vez que a análise proposta parte da construção elaborada por Augusta Moreira na obra mencionada. O conceito de representação adotado aqui pressupõe significados e valores compartilhados, em consonância com as proposições teóricas de Roger Chartier (1991) e Pierre Bourdieu (1996). Este conceito indica a forma como uma determinada realidade é construída, refletida e apresentada para compreensão por distintos grupos sociais em diferentes tempos e espaços. Essas construções são produzidas por meio dos discursos que os grupos emitem, independentemente do veículo ou meio

utilizado. Conforme as formulações de Chartier (1991), o discurso é construído através das lutas de representações, que consistem em tentativas de um grupo impor sua concepção do mundo social aos demais. Para Chartier, essas lutas de representações têm importância equiparável às lutas de classes.

A partir desses pressupostos, inferimos que as representações construídas pela autora difundem a visão de que o Japão se encontrava em processo de modernização à medida que se ocidentalizava, associando o Ocidente às ideias de modernidade, progresso e desenvolvimento. Nessa perspectiva, a narrativa de Augusta Peick Moreira sobre as mulheres japonesas ressalta sua assimilação de costumes, valores e estética europeia, contraposta ao abandono dos costumes tradicionais japoneses, apresentados como cada vez mais restritos.

De forma ambígua, enquanto busca valorizar essas mulheres, a autora acaba por diminuí-las ao sugerir, ainda que implicitamente, que elas seriam esteticamente e culturalmente inferiores às ocidentais. Essa construção nos permite também refletir sobre a interseção entre gênero e raça e classe. Além disso, a construção da autora fornece um rico material para refletir sobre as transformações das identidades femininas em contextos de modernização e intercâmbio cultural, especialmente no Japão do início do século XX, e como essas percepções foram mediadas por viajantes estrangeiros, muitas vezes com visões ambíguas e influenciadas por seus próprios referenciais culturais e sociais.

Análise da Construção de Augusta Peick Moreira

Segundo Jeffrey Lesser (1999), desde o período pós-escravidão no Brasil, a Ásia passou a ocupar uma posição central no país devido à necessidade de migração para substituir a mão de obra anteriormente exercida por pessoas escravizadas[1]. O Japão, em particular, tornou-se um modelo aspiracional no Brasil, especialmente por conta das transformações radicais promovidas durante a Era Meiji (1868–1912). Nesse período, o país reformulou seu sistema

[1] A migração japonesa resultava de um interesse recíproco entre os dois países. De um lado, o Brasil buscava mão de obra, especialmente para as lavouras de café em expansão no oeste paulista, cuja demanda não podia ser suprida pelos trabalhadores europeus. De outro, o Japão procurava solucionar o problema do grande excedente populacional causado pelo êxodo rural, que superlotava as principais cidades japonesas.Apesar dessa necessidade mútua e das vantagens que a migração poderia oferecer, desde o final do século XIX esse processo foi retardado por polêmicas, principalmente de caráter racial, uma vez que os japoneses eram vistos como inferiores nesse aspecto. Além disso, muitos japoneses tinham receio de investir suas vidas em um país até então remoto e desconhecido, como o Brasil. Os periódicos japoneses também relatavam que, no Brasil, os salários frequentemente atrasavam e as condições de vida dos migrantes eram precárias.(Kodama, 2009: 46-50).

político e econômico, alinhando-se aos processos de modernização e industrialização, com avanços significativos em áreas como ciência e medicina.

Nesse contexto, muitos viajantes dirigiram-se à região da Ásia como “observadores descompromissados”, produzindo uma série de literaturas e discursos sobre o lugar desde o final do século XIX até o fim da década de 1950. Entre esses viajantes, destacam-se os brasileiros, cujos relatos são especialmente interessantes por divergirem das narrativas elaboradas pelos viajantes das potências imperialistas ocidentais. Enquanto estes últimos viam o Japão como um território a ser colonizado e “redimido”, os brasileiros o percebiam como um modelo a ser seguido (Lesser, 1999, p. 177-178).

Mesmo com essa visão progressista em relação ao Japão, os relatos brasileiros estavam permeados pela ideia de que as raízes e ligações europeias lhes conferiam uma superioridade, especialmente em relação aos japoneses e, de modo geral, aos asiáticos. Normalmente, esses viajantes tinham um conhecimento superficial do Japão, realizavam viagens breves pelo país, não falavam a língua japonesa e baseavam-se em obras de outros “japonólogos” (Lesser, 1999).

Essas questões são relevantes para analisarmos a parte do livro *Impressões de uma Viagem ao Japão em 1928*, escrito por Augusta Peick Moreira. Seus escritos iniciam-se com o capítulo intitulado “Oriente”, no qual a autora destaca a cordial recepção que ela e seu esposo receberam do governo japonês. Augusta descreve detalhadamente essa recepção, mencionando que o casal germano-brasileiro foi acolhido por diversos professores universitários, bem como por figuras políticas, como o cônsul brasileiro em Yokohama e o antigo embaixador do Japão no Brasil.

Figura 1: O Prof. Juliano Moreia e sua senhora no tradicional Parque de Nara.

Juliano Moreira era um médico de renome internacional, especialmente reconhecido por seus estudos na área de psiquiatria. Por isso, sua chegada ao Japão foi muito aguardada e, conforme a descrição de Augusta Moreira, uma multidão "invadiu o vapor" para recebê-lo:

> Além das innumeras pessoas a que me acabo de referir, não posso dar uma idéa de quantos repórteres de jornais japonezes vieram a bordo ao nosso encontro, nem tão pouco de quantas vezes fomos fotografados. (Moreira, 1935, p. 121).

A narrativa de Augusta Moreira sobre suas impressões do Japão está permeada por constantes comparações entre o país e as nações ocidentais, sobretudo europeias, inserida em uma perspectiva que idealiza a modernidade como um processo de ocidentalização. Augusta e Juliano Moreira chegaram ao Japão poucos anos após o grande terremoto de 1923[2]. Sobre esse evento, Augusta afirmou que, após o desastre, a cidade vinha sendo reconstruída, descrevendo um verdadeiro processo de reurbanização: "Alargaram-se ruas e praças, construíram-se pontes magníficas, têm-se erguido edifícios sumptuosos, enfim, renova-se a cidade de tal jeito que, dentro de poucos anos, Tóquio será uma das melhores capitais do mundo" (Moreira, 1935, p. 122). Esse processo de reorganização da capital japonesa já havia

[2] O Mega terremoto atingiu a cidade em 1923, estima-se que morreram pelo menos 143 mil pessoas. Somente nas cidades de Tóquio e Yokohama, foram mais de 60 mil mortos nos incêndios que ocorreram devido ao terremoto. Foi depois desse terremoto que a cidade de Tóquio começou a emergir como uma das grandes cidades do mundo. História Hoje: Saiba mais sobre o grande terremoto japonês, Radioagência Nacional (ebc.com.br). Acesso em 24 de agosto de 2022.

ocorrido em diversas outras capitais ocidentais, configurando-se como um importante marco da modernidade no final do século XIX e início do século XX[3].

A descrição de Moreira, segue de maneira corrente a ideia de modernidade. A enfermeira ressaltou que o Japão teria estradas de ferros e de rodagem com inúmeros automóveis e veículos, além de fábricas "magnificamente organizadas", bastante desenvolvidas que seriam "um sério concorrente das melhores industrias européas nos mercados orientaes." (Moreira, 1935, p. 128). Ao narrar sua ida a fazenda Koivai, de propriedade do Barão Iwasaki, Augusta ressaltou que viram "uma habitação genuinamente japoneza, com todas as installações modernas de conforto, perfeitamente adaptadas aos estylos nipônicos". Além disso, haveria uma instalação para o preparo de manteiga que seria tão saborosa quanto a dos "paizes mais adiantados do Occidente em que esta industria tem tido seu máximo de aperfeiçoamento". (Moreira, 1935, p. 124-125).

Ainda nesse sentido, a autora destacou que os trens japoneses estavam no mesmo nível dos europeus e americanos, e, por percorrerem trajetos mais longos, ofereciam "vagões-restaurantes" e vendedores de "marmitas" nas principais estações. Essas refeições incluíam opções tanto europeias quanto japonesas, compostas por sanduíches, saladas, carnes frias, entre outros. Ao lado das refeições, encontravam-se garfos e facas de madeira, além de guardanapos japoneses. Segundo Augusta Moreira, tudo era "arrumado com a máxima meticulosidade, com tão bom aspecto, que mesmo o europeu as adquire sem nenhum escrúpulo". (Moreira, 1935, p. 127).

Na visão de Augusta Moreira, a modernidade japonesa não se restringia apenas aos aspectos urbanísticos e produtivos do país, mas também à remodelação de seu povo. Ela ressaltou a importância da questão educacional e destacou que o ensino primário era obrigatório e gratuito, voltado não apenas para a educação formal, mas também para a promoção da saúde dos estudantes. Em todas as escolas, havia áreas destinadas a exercícios físicos, além de serviços de assistência dentária e alimentação (Moreira, 1935, p. 123-124).

[3] No Rio de Janeiro, esse processo foi amplamente estudado pelo autor Jaime Benchimol. Durante o governo de Pereira Passos, fortemente inspirado pelas reformas realizadas em Paris, houve uma transformação drástica na capital, que deveria representar a vitrine do Brasil moderno. Cerca de 2.000 prédios foram demolidos, e inúmeras obras de embelezamento e saneamento foram realizadas na cidade. Essas intervenções afetaram diretamente a camada mais pobre da população, que vivia em habitações conhecidas como cortiços e foi sumariamente expulsa de suas casas demolidas. Além disso, as reformas foram acompanhadas por leis e posturas destinadas a coibir ou disciplinar a população mais carente da cidade.(Benchimol, 2003).

A questão educacional já havia sido amplamente ressaltada por Juliano Moreira na primeira parte do livro. Segundo Bruno Pimentel e Fillipe Portugal (2022), a narrativa de Juliano Moreira, presente em *Impressões de uma Viagem ao Japão em 1928*, está imersa em um ideal de eugenia positiva[4], no qual se acreditava que, por meio de intervenções médicas e educacionais, seria possível aprimorar as "raças humanas", especialmente a japonesa, neste caso. Augusta Moreira também se insere nesse mesmo pensamento eugênico, ao afirmar que os "exercícios físicos" já estavam promovendo mudanças no "tipo antropológico" da nova geração japonesa, que era incentivada a praticar atividades não apenas nas escolas, mas também nas praças, onde havia aparelhos de ginástica. Ainda dentro desse ideal eugênico, ela afirmou que:

> [...] as creanças oriundas de cruzamento de japonezes com europeus são, em geral, mais formosas que as puramente japonezas. Vimos filhos de japonezes com francezas allemãs, inglezas e italianas, verdadeideiramente bellos. E não são menos bellos os filhos de japonezes com europeus. Aliás, já no Brasil tinha eu tido opportunidade, não só no Rio como em São Paulo, de verificar esse effeito salutar do referido cruzamento. (Moreira, 1935, p. 134).

No aspecto cultural, Augusta Moreira destacou o valor do Japão, afirmando que, por possuir um povo "trabalhador e ativo", o país teria direito a "um teatro digno de ser frequentado". Esse teatro estaria se ocidentalizando, embora ainda preservasse características tradicionais. Alguns artistas seriam tão talentosos que rivalizariam "com os melhores trágicos italianos" e, nas "melhores" casas de espetáculo, existiriam restaurantes ao estilo europeu. Além disso, a autora ressaltou que os teatros japoneses de balé e de bonecas estavam ganhando popularidade na Europa e se destacavam na produção cinematográfica, sendo pioneiros do "cinema falado", que utilizava um gramofone para narrar o filme por meio de um artista (Moreira, 1935, p. 129-130).

As mulheres japonesas

Sobre as mulheres japonesas, Augusta dedicou um extenso trecho da sua narrativa. Ainda no tema do teatro, destacou que as mulheres já começavam a participar de diversas

[4] A eugenia foi a ciência do aprimoramento racial, teve grande espaço entre os cientistas da maior parte do mundo na primeira metade do século XX. Alguns desses cientistas acreditavam que as "raças" a partir de intervenções médicas que englobavam mecanismos de testes genéticos e controles matrimoniais, mas também educação, alimentação etc., poderiam ser melhoradas. De outro lado, a eugenia negativa buscava evitar o nascimento de indivíduos eugenicamente indesejados, como por exemplo, pessoas miscigenadas. (Stepan, 2004).

peças, algo que até pouco tempo atrás lhes era vedado (Moreira, 1935, p. 130). Além disso, ressaltou que não imaginava que a mulher japonesa tivesse uma presença tão significativa na vida ativa do trabalho no Japão. Segundo a percepção de Augusta, elas atuavam em praticamente todas as atividades econômicas, inclusive nas mais "rudes". Ela apresentou dados indicando que, pelo menos, 50% da população trabalhadora japonesa era composta por mulheres.

> De facto, nós vimo-las cultivando a terra, affeiçoando os jardins, quebrando pedras, transportando o carvão mineral a bordo dos navios, puxando carros ou ajudando o marido nos trabalhos mais árduos, mergulhando audazes á procura das ostras peroliferas, nas estações de cultura de perolas. De outro lado, nas fabricas, nas officinas, nos laboratorios, nos bancos, nas casas comtnerciaes, nos hospitaes, nas escolas, até nos onibus como conductoras, trazendo traje masculino, multiplicam-se ellas na faina quotidiana em busca do ganho honesto de seu pão (Moreira, 1935, p. 132).

É interessante perceber que neste fragmento a autora apresenta uma descrição detalhada e vívida da participação das mulheres japonesas no mercado de trabalho, destacando a diversidade e a intensidade de suas atividades econômicas e sociais. A autora expõe uma imagem multifacetada da mulher japonesa, que vai além dos estereótipos tradicionais e passa a ser reconhecida como agente ativa e imprescindível na economia do país, seja em trabalhos rurais e pesados, seja em funções urbanas e profissionais. Esse discurso está inserido em um contexto histórico em que as transformações sociais decorrentes da modernização japonesa e das influências ocidentais implicavam uma reconfiguração dos papéis de gênero. A narrativa enfatiza não apenas a força física e a versatilidade dessas mulheres, mas também sua capacidade de adaptação a diferentes ambientes, inclusive em espaços tradicionalmente masculinos, como o transporte público. No entanto, é importante ressaltar que, apesar de reconhecer a ampliação do papel das mulheres na vida econômica, a própria linguagem utilizada por Moreira reflete algumas limitações e preconceitos da época, como a ênfase em "trajes masculinos" e a distinção entre trabalhos "rudes" e outros, reforçando uma visão binária e hierarquizada de gênero.

Já o segundo texto escrito por Augusta Moreira, intitulado *Dez milhões de mulheres ganham a vida no Japão*, resultou de uma palestra realizada no dia 17 de novembro de 1929, na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), na ocasião a autora tinha retornado recentemente da sua viagem ao Japão.

A FBPF, fundada por Bertha Lutz (1894-1976)[5], filha de Adolpho Lutz e Any Fowler Lutz, foi um dos movimentos precursores do feminismo no Brasil. Bertha Lutz destacou-se no que diz respeito à luta pelos direitos civis, políticos e sociais da mulher. Ela nasceu em São Paulo, viveu sua infância e parte da juventude no Brasil, até que se mudou para Europa com a intenção de completar os estudos e lá formou-se em Ciências naturais pela Universidade de Sorbonne (Silva, 2020, p. 3). Na Europa, Bertha Lutz teve contato com as causas dos movimentos feministas e, conforme explicou Isadora Carvalho da Silva, após concluir seus estudos, ela retornou ao Brasil e

> [...] deu início à organização e divulgação destes ideais aqui. No ano seguinte fundou a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher (LEIM). A principal causa do movimento era o sufrágio feminino. Além disso, também requeriam a educação, condições dignas de trabalho e emancipação econômica da mulher. (Silva, 2020, p. 3-4.)

Em 1922, Bertha Lutz participou da Primeira Conferência Pan Americana de Mulheres em Baltimore (USA). O evento foi organizado pela National League of Womens Voters (NAWSA), liderado por Carrie Chapman Catt. Cada convidada, ao retornar para seu país de origem, deveria colaborar com a fundação de uma associação nacional. Daí foi criada a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), fundada na data de 09 de agosto de 1922. A LEIM foi incorporada na FBPF. Assim, podemos afirmar que o percurso desenvolvido pela FBPF está ligado a trajetória de sua fundadora e presidente Bertha Lutz.

Bertha Lutz e Augusta Moreira, podem ser lidas a partir do recorte de classe burguês, que caracterizou o movimento feminista da década de 1920. Este se caracterizou por pautar reivindicações ligadas principalmente às condições e interesses da classe média urbana, refletindo a posição social das mulheres que dele participavam. Esse movimento concentrou-se em temas como a ampliação do acesso à educação, o direito ao trabalho assalariado e a conquista de direitos civis básicos, como o direito ao voto. Porém, esses avanços tinham uma perspectiva restrita, muitas vezes ignorando as necessidades e lutas das mulheres das classes populares e das mulheres negras. (Karen, 2002; Moreira, 2009).

[5] Bertha Lutz nasceu em São Paulo no dia 2 de agosto de 1894, filha de Adolfo Lutz, cientista de origem suíça e pioneiro nas áreas de medicina tropical, epidemiologia e na pesquisa de doenças infecciosas, e de Amy Marie Gertrude Fowler, uma enfermeira britânica. Além de Bertha, o casal teve como filhos Guálter Adolfo Lutz e Laura Bertha Lutz, a última nascida na Suíça.

Naquela época, as mulheres da burguesia buscavam legitimar sua inserção no espaço público e no mercado de trabalho, mas sempre dentro de parâmetros que não ameaçassem a ordem social vigente. Por exemplo, o trabalho feminino era valorizado quando condizente com a "feminilidade" e o decoro, como profissões ligadas à educação, enfermagem e assistência social. Ao mesmo tempo, reivindicavam condições que lhes permitissem conciliar vida profissional e familiar, o que reforçava a divisão sexual do trabalho e o papel tradicional da mulher como responsável pelo cuidado do lar. Esse feminismo também dialogava com os discursos eugênicos e de modernização vigentes na época, que valorizavam a "melhoria" da raça e da moral, e influenciavam tanto as práticas educacionais quanto as políticas de saúde pública. Assim, muitas vezes, a agenda feminista burquesa da década de 1920 estava imbricada a um projeto maior de ordem social, que buscava modernizar a nação segundo parâmetros eurocêntricos e excludentes. (Karen, 2002; Moreira, 2009).

Como percebemos essas questões são constantes na representação feita por Augusta Moreira sobre as mulheres japonesas. Na ocasião em que Augusta Moreira palestrou sobre as mulheres japonesas e suas especificidades, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino tinha recém completado sete anos de existência. E tinha importância na articulação e visibilidade social das questões mobilizadas pelo movimento feminista no país[6].

Augusta Moreira destacou no início da sua fala que iria se ocupar do que viu no Japão sob o ponto de vista do progresso feminino (Moreira, 1935, p. 139). Segundo ela, naquele momento existia uma considerável cópia de livros e monografias sobre o Japão, mas a maioria das obras havia sido escritas por meio de "informações apressadas". Por isso, ela diz que: "muito timidamente vou vos dizer algo sobre a mulher no Japão, pois receio ser equiparada a certos globe-trotters profissionais que depois de uma estadia de uma semana se arriscam a falar de uma paiz com uma coragem digna de nosso espanto" (Moreira, 1935, p. 139). Logo em seguida, Augusta afirmou que esteve no Japão por três meses e meio, mas que isso não

[6] A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino estabeleceu uma rede com outras instituições norte americanas, europeias e da América Latina. Esse fato pôde ser constado a partir da leitura do Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino do Arquivo Nacional. Neste fundo foi possível ter acesso a diversas cartas e circulares da e para a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino tratando da criação e funcionamento de representações da Federação em diversos estados do Brasil; das estratégias que deveriam ser adotadas pelo movimento feminista no país; da situação das mulheres e do movimento feminista em outros países; da instituição de uma polícia feminina no Brasil; de campanhas movidas pela FBPF em prol do trabalho feminino e da concessão do voto às mulheres entre outros. COPRA/CODES/DOCUMENTOS PRIVADOS. Fundo: Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Notação: BR RJANRIO QO.ADM.COR.A93154, Arquivo Nacional, Ministério da Justiça e Cidadania. https://sian.an.gov.br/

era suficiente para fazer um verdadeiro juízo de valor sobre as condições das mulheres japonesas. “Para conhecer-lhe o espírito e o seu modo de pensar, necessário seria saber bem a língua do paiz, porque ellas de ordinário não falam línguas estrangeiras salvo raras excepções [...]” (Moreira, 1935, p. 140).

A partir daí, Augusta Peick Moreira nos permite inferir que as suas informantes eram japonesas que “tem vivido no estrangeiro, esposas ou filhas de diplomatas, consules e additos, ou as que foram educadas em collegios no exterior, inglezes, americanos, francezes ou alemães, dão-nos porém informações preciosas sobre o assumptos.” (Moreira 1935, p. 140). Ao recorrer prioritariamente a mulheres da elite japonesa, ocidentalizadas e inseridas em redes diplomáticas ou educacionais internacionais. Deste modo, Augusta Moreira constrói sua compreensão da mulher japonesa a partir de um recorte muito específico, marcado por classe, acesso à educação formal e, sobretudo, proximidade com valores ocidentais. Logo, sua construção foi alicerçada na visão que mulheres da elite japonesa tinham das mulheres das classes trabalhadoras.

A autora também comentou sobre a ocidentalização das mulheres japonesas. De acordo com ela:

> A vida moderna tem se arrastado até lá e mesmo que ellas não o quisessem, seriam obrigadas a acompanhar o movimento do occidente, desde que estejam em contato com os occidentaes como acontece, aliais, com os homens. O modernismo levou às japonezas o que o occidente tem de melhor. O ensino primário e secundário é hoje feito pelos meios os mais adiantados. (Moreira, 1935, p. 140)

Conforme exposto na citação, Augusta Peick Moreira desenvolveu, ao longo de sua narrativa, uma concepção de Ocidente associada à modernidade, ao progresso e ao desenvolvimento. Após expressar essa visão, a autora apresentou dados sobre a educação japonesa, sugerindo que os resultados positivos observados estariam vinculados às influências ocidentais. Ela relatou ter visitado diversas escolas e constatado “a elevação com que ellas [as mulheres] eram orientadas” (Moreira, 1935, p. 40). Peick Moreira afirmou que 99% dos homens e mulheres japoneses frequentavam as escolas elementares, ressaltando que os únicos analfabetos estavam entre as pessoas com mais de 50 anos ou entre as crianças ainda em idade pré-escolar.

Na sequência, a autora discorreu sobre a mistura das tradições ocidentais, mais presentes no espaço público, de acordo com sua construção, e as tradições orientais, mais presentes na vida privada, conforme sua narrativa.

> A maior parte das escolas exigem que os alumnos usem sapatos de couro, porém, em casa todos têm de deixal-os á porta, pois que as esteirinhas que cobrem os soalhos não poderiam ser arranhadas pelos referidos sapatos. Em casa todos os membros da família assentam-se no sólo ou em cozins baixos, mas nas escolas são usados bancos como em toda a parte. As meninas usam roupas de cortes occidental, ao passo que em casa o kimono continua a estar de acordo com os velhos estylos japonezes. Há também uma mistura do velho com o novo no propósito da educação das meninas. A antiga cerimônia do chá e o arranjo das flores, não são agora assumptos de muito cuidado, mas a música occidental, o inglez, a sciencia doméstica, etc, são motivos das grandes preocupações das mestras. (Moreira, 1935, p. 141).

Assim, a autora defendeu o pensamento de que as tradições ocidentais estavam mais presentes na vida pública e as orientais estavam mais presentes na vida privada e para a alicerçar a sua construção ela exemplificou citando o fato de as japonesas usarem roupas ocidentais e calçados de couro para frequentar as escolas e manterem o uso do kimono e o hábito de tirarem o calçado para pisar nos tradicionais tatames[7] em suas residências. Outro fato destacado é que em casa permanecia o costume de senta-se diretamente no chão, em cadeiras sem pernas chamadas zaisu ou em grandes almofadas chamadas de zabuton. Já nas escolas eram usados bancos, assim como no ocidente, que a autora chama de qualquer parte, dando a entender que aquele era o padrão.

Peick Moreira ainda estabeleceu uma diferenciação entre o que ela considera velho e o que considera novo. Quando ela diz que “Há também uma mistura do velho com o novo no propósito da educação das meninas”, é possível compreender que o velho e o novo se misturam em diferentes âmbitos da vida das japonesas, assim como na educação. O novo, de acordo com a sua construção, é representado pelas influências das tradições ocidentais, que, de acordo com ela, tem levado às japonesas “o que o ocidente tem de melhor”. O velho é representado, em contrapartida, pelos costumes orientais, pelos hábitos e tradições japonesas. Logo, a chave de leitura desenvolvida pela senhora Peick Moreira esta imbuída por uma perspectiva etnocêntrica e eurocentrada, que vai compreender o progresso feminino no sentido em que ele está mais próximo dos padrões europeus. É neste sentido que a autora afirmou na citação acima que a cerimônia do chá e o arranjo de flores tem perdido certa

[7] Um material de revestimento tradicional no Japão, utilizado desde o Período Muromachi.

relevância, mas que as músicas ocidentais, a língua inglesa e a "ciência doméstica", estavam ganhando destaque pelas mestras. Este é um exemplo da mistura do velho com o novo na educação das meninas, de acordo com a perspectiva da autora.

Contudo, Peick Moreira destacou, em seguida, que os fins da educação feminina não têm sido muito influenciados pelas ideias modernas. Ela demostrou que:

> De accôrdo com o quarto volume de Ethica, para meninas, alumnas de escolas a obrigação da mulher é casar-se, ajudar o marido, ter filhos e attender a conservação da própria casa. Ella deve felicitar o marido ao chegar em casa com um olhar gentil. Os pais do seu marido são seus pais; ella deve a sogra. (Moreira, 1935, p. 141-142)

Sendo assim, a autora destacou que naquele período era ensinado que a mulher deveria se dedicar ao casamento, a procriação e em cuidar da família. Em suma, sua função era gerar filhos, cuidar da casa e do seu esposo por meio da gentileza e da harmonia. A família do seu marido passava a ser a sua família. A mulher, de acordo com o volume de Ethica, citado pela autora, deveria ser submissa ao seu marido. Esse ensinamento era passado em consonância com o escrito imperial sobre educação pública de 1890 e, como a autora destacou, para a maior parte do povo este documento foi divinamente inspirado. Sendo assim, o âmbito religioso, assim como no ocidente, também era usado para designar e fundamentar o papel de submissão da mulher. Mas isso não foi destacado pela autora.

Mesmo com as limitações sociais destacadas sobre as mulheres japonesas, Augusta diz ser impossível:

> [...] descrever de modo completo a tremenda aspiração das jovens japonezas de adquirirem a mais alta educação; os governos têm sido levados a estabelecer escolas superiores para moças em toda a parte do território japonez. Visitamos em Tokio a excelente Universidade Feminina, ali fundada há alguns anos e que comporta actualmente três mil alumnas. Numa conferencia que ali realisou o meu marido, tive ocasião de vêr o interesse com que o numeroso auditório de moças ouvia a palestra sobre o Brasil e os brasileiros. (Moreira, 1935, p. 42-143)

Apesar das restrições morais ainda impostas às mulheres, Augusta Moreira observou um forte desejo, por parte das jovens japonesas, de alcançar níveis mais elevados de escolarização. Esse interesse crescente pela educação superior levou o governo japonês a criar instituições voltadas especificamente para o público feminino, como a Universidade Feminina de Tóquio. A autora também destacou a atuação das escolas de enfermagem mantidas pela

Cruz Vermelha, que formavam profissionais altamente qualificadas para auxiliar nos serviços médicos e cirúrgicos dos hospitais do país.

Essas observações apontam para um processo de inserção gradual das mulheres em esferas profissionais para além do ambiente doméstico e do cuidado exclusivo com a família. No entanto, essa inserção ainda se dava, em grande medida, dentro de campos considerados tradicionalmente femininos, como o da enfermagem, o que revela tanto avanços quanto limitações no processo de emancipação feminina naquele contexto histórico.

A partir desse momento, a autora passou a discorrer sobre os casamentos arranjados, que, segundo ela, ainda eram bastante frequentes tanto nas áreas rurais quanto nas cidades do Japão. No entanto, observava-se uma certa flexibilização dessa prática, com a possibilidade de que os futuros cônjuges se conhecessem previamente, a fim de avaliar se havia afinidade entre eles antes da formalização do matrimônio (Moreira, 1935, p. 142). Augusta Moreira também destacou que os casamentos com estrangeiros eram, em geral, malvistos pelos mais velhos, que acreditavam ser impossível a felicidade do casal diante das diferenças culturais e de hábitos. Apesar disso, a autora observou que essas uniões estavam se tornando mais frequentes, o que é visto como positivo a partir da visão eurocêntrica da autora.

Antes de encerrar a sua construção, Peick Moreira discorreu brevemente sobre o vestuário feminino e sobre a ausência da mulher japonesa na política. Sobre o vestuário ela disse que existiam entre a mulheres japonesas “muitas que se revoltam contra as roupas modernas do Occidente” (Moreira, 1935, p. 143). Segundo ela:

> Umas dizem que as pernas da mulher nipponica não são bastante bonitas para serem mostradas como as das occidentaes, outras se queixam dos sapatos que acham duros para pés delicados; outras ainda pensam que as suas physionomias não combinam com as mossas vestimentas. De facto, os europeus acham egoisticamente que as japonezas devem conservar os seus trajes originaes para maior prazer da nossa vista, mesmo porque em geral as roupas nipponicas não assentam bem nas mulheres européas. (Moreira, 1935, p. 143-144).

Ao afirmar que “os europeus acham egoisticamente que as japonezas devem conservar os seus trajes originais para maior prazer da nossa vista”, Moreira expõe uma dinâmica de poder simbólico na qual o Ocidente se posiciona como normativo e superior, esperando que o Oriente se mantenha “exótico” e “autêntico” apenas para satisfazer a curiosidade e o olhar ocidental. Isso reflete a lógica

do "orientalismo", conforme discutido por Edward Said (2007), em que culturas não ocidentais são essencializadas e estereotipadas para reafirmar a identidade ocidental. Além disso, o comentário sobre os trajes e as formas corporais revela uma imposição de padrões estéticos europeus, considerados universais e superiores, enquanto os corpos e roupas japonesas são vistos como inadequados ou inferiores, uma forma clara de colonialismo cultural. Tal postura restringe as possibilidades das mulheres japonesas, impondo-lhes um modelo de beleza e comportamento que não corresponde necessariamente à sua própria tradição ou subjetividade.

A autora encerrou a sua narrativa dizendo que a mulher japonesa não possui nenhum papel na política. Mas que os movimentos de propaganda que defendiam os direitos políticos da mulher já tinham sido iniciados "e como em toda a parte, chegará a sua vez." (Moreira, 1935, p. 144).

É importante perceber que a construção elaborada pela autora para a reunião na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino não tratou a mulher como um mero apêndice da história. A condição feminina na sociedade japonesa foi destacada ao longo de sua narrativa, que rompeu com o discurso androcêntrico. Contudo, é preciso ressaltar que, sendo uma mulher europeia, Augusta Peick Moreira desenvolveu uma leitura etnocêntrica tanto da mulher japonesa quanto da sua sociedade. Esse aspecto torna-se ainda mais evidente no decorrer do terceiro e último capítulo escrito por ela no livro *Impressões de uma viagem ao Japão em 1928*.

No último capítulo do livro, intitulado *O Professor Oscar Loew*[8] *e o Japão*, Augusta Peick Moreira dedica-se a transmitir a opinião do professor Oscar Loew (1844-1941) sobre o japonês como elemento imigratório. Nesta parte, a autora faz uma verdadeira apologia à viabilidade da migração japonesa para o Brasil, destacando o povo japonês, sua índole, seus costumes e tradições, bem como a possibilidade de sua integração ao país. Esses aspectos estão diretamente relacionados à suposta capacidade dos japoneses de assimilar e adequar-se aos padrões ocidentais. Ou seja, uma das principais qualidades atribuídas aos japoneses pela autora é a propensão para assimilar tais padrões, o que lhes conferiria condições para se

[8]*Loew* foi um químico e agrônomo alemão, conhecido por suas contribuições na área de agricultura e indústria de alimentos, especialmente no desenvolvimento de processos biotecnológicos relacionados à fermentação e enzimologia. Sua pesquisa influenciou práticas agrícolas e industriais durante o final do século XIX e início do século XX.

adequarem à modernidade e ao desenvolvimento ocidental. Essa concepção revela uma visão etnocêntrica, eurocêntrica e racializada por parte da autora.

Peick Moreira encerrou este capítulo discorrendo sobre a fealdade que os japoneses são acusados de possuir, embasada em uma posição racista e eugênica da época. Segundo a autora, em conformidade com o pensamento do professor Loew, “é bom lembrar que isto é uma coisa relativa, e, não raro, os filhos dos feios, por circumstancias varias, como melhor nutrição, melhor clima, mistura com outras raças, exercicio, etc., tornam-se belos” (Moreira, 1935, p. 150).

Assim, o discurso construído dava voz a ideias eugênicas e eurocêntricas, nas quais, por meio da miscigenação, os descendentes japoneses se apresentariam fenotipicamente mais ocidentais. É importante lembrar que a própria autora relatou que as japonesas afirmavam que “as pernas da mulher nipponica não seriam bastante bonitas para serem mostradas como as das occidentaes” (Moreira, 1935, p. 144).

Considerações finais

A obra de Augusta Peick Moreira sobre o Japão e os japoneses é centrada em uma narrativa etnocêntrica e eurocêntrica, neste sentido, o Japão, os japoneses e japonesas foram compreendidos como desenvolvidos na medida em que se aproximavam dos padrões, costumes e hábitos ocidentais/europeus. Destacamos ainda que a narrativa de Augusta sobre o Japão e a sua população é centrada em uma questão de gênero, tanto pela ênfase dada a temática sobre as mulheres presente em sua narrativa quanto pela situação social da autora e espaços que frequentava.

Segundo Jeffrey Lesser (1999) no quesito gênero os relatos brasileiros sobre os japoneses no período analisado seguiam dois caminhos diferentes, o primeiro onde os homens eram retratados de maneira positiva sendo exaltados valores como modernidade, vocação para o trabalho e inteligência. E as mulheres eram vistas como retrógadas por manterem as “tradições japonesas”, ou seja, eram relacionadas ao passado, do qual o Brasil justamente queria fugir, de outro lado também eram realçados o caráter “fantasioso sexual” pelo exotismo sobre as japonesas. (Lesser, 1999, p. 179).

Como foi possível observar a construção de Augusta Peick Moreira seguiu o atrelamento das mulheres japonesas a guardar os costumes e tradições, mas ela reforçou que tal hábito, vinha passando por transformações, e, de acordo com sua construção, este fato estava mais restrito aos ambientes privados, sendo justamente a mulher japonesa moderna por estar inserindo-se ativamente na vida do trabalho, nos estudos e nos movimentos artísticos e culturais do Japão. Neste sentido, podemos concluir que para a autora o processo de modernização, que o Japão passava, estava diretamente ligado as aspirações e posições sociais que as mulheres japonesas vinham alcançando naquela sociedade. Cabe ressaltar que o quesito sexual "fantasioso" sobre a mulher japonesa, ressaltado por cronistas e viajantes homens, não está presente em nenhum momento na narrativa da autora.

Augusta Peick Moreira também foi uma voz importante para a construção de uma visão assertiva sobre a migração dos japoneses para o Brasil, embora tenha feito isso por meio de uma visão etnocêntrica. Ela destacou aspectos culturais vistos como positivos e que contribuiriam para o Brasil. Esse engajamento da autora não pode ser visto como desinteressado se notarmos que a viagem do casal ao Japão lhes rendeu um prestígio simbólico nos espaços que frequentavam, sendo noticiados nos jornais, convidados para palestras, etc. Ademais, sendo frequentadora de sociedades como a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), a situação das mulheres japonesas se tornou objeto de interesse da autora.

O prestígio simbólico pode ser comprovado por meio do relato do antropólogo Nunes Pereira (1893-1985), no manuscrito "Uma noite Japoneza na Casa de Juliano Moreira". No documento, Nunes Pereira relatou seu encontro com o casal Moreira, que falava sobre o oriente. A partir deste diálogo o casal estaria contribuindo para a desconstrução dos seus últimos preconceitos contra aquele país e Juliano Moreira pode lhe dar uma "lente mais precisa aos valores de uma terra e de um povo tãos incomprehendidos por nós outros deste lado da América"[9] (Pereira, s.d, p. 1).

[9] Em outra ocasião Nunes Pereira foi convidado na casa do casal Moreira que estava, conforme sua descrição, repleta de relíquias japonesas como quadros, diversas bonecas, recordações de Augusta de suas amigas japonesas, um biombo "custosíssimo", A ordem do thezouro sagrado, que Juliano lhe mostrou mais para ressaltar os traços artístico do documento, que o valor da homenagem, uma pele de urso do norte do Japão, pratos pintados, estampas japonesas, que foi oferecida ao casal por um milionário japonês. Esse material japonês é sempre exaltado de forma valorativa por Nunes Pereira como a seguir: "a variedade de formas, a technica de colorir e a precisão de observar, tudo o que caracteriza os XII e XIV séculos, no Japão, tudo reponta dessas estampas." (Pereira, s.d, p. 2)

Por fim, a narrativa de Augusta Moreira seguiu de maneira ambígua, pois enquanto busca valorizar as mulheres japonesas e a cultura japonesa acabava por diminuí-las, no sentido de vê-las esteticamente e culturalmente como inferiores as ocidentais. Conforme demostramos, a narrativa de Augusta protagonizou a mulher japonesa, isso não ocorreu nos capítulos escritos pelo seu esposo, Juliano Moreira, que não mencionou coisa alguma sobre a mulher japonesa. A narrativa de Augusta não é androcêntrica, mas reproduziu uma visão de hierarquia racial na qual o ocidente e os ocidentais estão atrelados a ideia de modernidade e moderno. A autora apresentou um comprometimento com o debate de gênero, mas sua visão estava imbuída em um recorte classista, onde reproduziu nos seus textos a ideia de que o ocidente e a Europa são hierarquicamente superiores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENCHIMOL, Jaime. Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). O Brasil republicano (vol.1). O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930.

BOURDIEU, Pierre. “O poder simbólico”. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

CHARTIER, RogeR. O mundo como representação. Tradução de Andrea Daher e Zenir Campos Reis. Estudos Avançados, São Paulo (SP), v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

KODAMA, Kaori. Imigração japonesa: debates médicos sobre raça e saúde. In Benchimol, Jaime; Sá, Magali; Kodama, Kaori. Cerejeiras e cafezais: relações médico-científicas entre Brasil e Japão e a saga de Hideyo Noguchi. Rio de Janeiro; Bom Texto, 2009.

LESSER, Jeffrey. Turning Japanese. Negotiating National Identity: Immigrants, Minorities, and the Struggle for Ethnicity in Brazil, New York, USA: Duke University Press, 1999.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. Estudos Feministas, Florianópolis, 17(1), janeiro-abril, 2009, p. 159-189.

PINTO, Karen. O movimento feminista e a construção da cidadania no Brasil (1910-1940). *Revista Estudos Feministas*, vol. 10, nº 2, 2002, pp. 325-340.

RAMOS, Jair Souza. (1996) “Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20”. In, MAIO, Marcos; SANTOS, Ricardo (orgs), *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; CCBB, p. 59-82.

ROSA, Maria Helena Moreira. *História das mulheres no Brasil.* São Paulo: Contexto. 2009.

SILVA, Izadora Carvalho. O bom feminismo no Brasil: Discursos e representações da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino durante a campanha sufragista (1922-1929). XVII Encontro Regional de História ANPUH-PR. *O Futuro do Futuro do Ensino de História*. 23, 24 e 25 de Novembro de 2020.

STEPAN, Nancy Leys (2004), "Eugenia no Brasil, 1917-1940", in G. Hochman (Org.), *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, pp. 331-392.

TILLY, Louise A. GÊNERO, HISTÓRIA DAS MULHERES E HISTÓRIA SOCIAL. Cadernos Pagu (3) 1994: p. 29-62.

UENO, Luana Martina Magalhães. O Duplo Perigo Amarelo: o discurso antinipônico no Brasil (1908-1934). Estudos Japoneses, n. 41, 2019, p. 101-115.

FONTES

Faria, Maria Amalia. Mussolini e a Moda. Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Notação: BR AN, RIO QO. ADM, EVE. ASO, TXT.7, COPRA/CODES/DOCUMENTOS PRIVADOS. Arquivo Nacional, Ministério da Justiça e Cidadania. https://sian.an.gov.br/

Pereira, Nunes. Manuscrito "uma noite jáponeza na casa de Juliano Moreira". Biblioteca Nacional. [S.D]

Moreira, Juliano. Cartão de visita de Juliano Moreira. Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Notação: BR AN, RIO QO. ADM, COR. A929.102, COPRA/CODES/DOCUMENTOS PRIVADOS. Arquivo Nacional, Ministério da Justiça e Cidadania. https://sian.an.gov.br/

Moreira, Juliano. Impressões de uma viagem ao Japão em 1928**.** Rio de Janeiro, RJ: R. Neustadt, 1935. (Acervo digitalizado da Biblioteca Nacional – BNDigital).

Processo de Naturalização de Augusta Peick Moreira. Fundo: Serie Interior – Nacionalidades (IJJ6) (A9) Seção/Série: Processos de naturalização. Notação: BR RJANRIO A9.0.PNE.16897, Arquivo Nacional.